

Colégio supre uma lanchonete

Uma espécie de torneira comunitária, instalada através de ligações clandestinas na rede de água, é a alternativa que muitos moradores de Samambaia encontraram para driblar a escassez, barateando os custos deste investimento. Eles reúnem alguns vizinhos, compram os canos e instalam em uma das casas a torneira que todos passam a utilizar, com o auxílio de mangueiras e tambores. Este benefício custa normalmente menos de Cr\$ 10 mil que, dividido por exemplo entre cinco pessoas, implica em um preço acessível.

Maria Lúcia Ferreira dos Santos, proprietária do bar e Lanchonete Tabaco, da quadra 405, e cinco vizinhos apelaram há dois meses, para esta opção, puxando água da rede de uma escola que fica a 80 metros. "Somente desta forma nos livramos da necessidade de utilizar o chafariz da quadra 603, uma vez que o da 405 nunca funcionou", explica, acrescentando que, agora, o abastecimento é plenamente regular na torneira instalada no seu estabelecimento.

O mesmo procedimento foi adotado por Firmino Lopes da Rocha, gari do SLU e morador da quadra 511, e a sua vizinhança. Há uma semana, eles desembolsaram Cr\$ 8 mil (rateado entre seis famílias) para substituir a tubulação danificada e entupida. A torneira está instalada em seu lote, mas serve a todos os beneficiados por esta "rede comunitária", que a utilizam principalmente, para encher tambores e pequenas caixas de água.

Essas caixas, em geral de apenas 250 litros, já são também largamente utilizadas, especialmente nas quadras 100, 300 e 500 que têm o fornecimento restrito ao início da manhã. A feirante Maria de Fátima Nascimento, por exemplo, dispõe de uma em sua casa, mas afirma que o período de abastecimento não é suficiente para enchê-la. "Difícilmente, ela fica completamente cheia, exigindo que a gente sempre economize", lamenta. A chegada da água apenas no início da manhã é, segundo o administrador regional de Samambaia, Valfredo Perfeito, um dos reflexos da sobrecarga da rede provocada pelas ligações clandestinas.

Do outro lado da cidade, nas quadras ímpares das 400 e 600, que compõem a Vila Roriz, os 50 mil moradores vivem outra realidade: fartura e até mesmo desperdício de água. Esta é primeira área de assentamento de Samambaia e está em uma região baixa. "Na seca, a população é beneficiada pela oferta contínua de água, mas sofre durante o período de chuvas, com enxurradas que invadem as casas", explica Valfredo Perfeito.

As torneiras do chafariz da quadra 605 estão constantemente quebradas, fazendo com que a água escoe pelas ruas. A moradora Ana Maria Cardoso de Araújo, que o utilizou ontem para lavar roupas, culpa a própria comunidade pelo seu mau funcionamento. "A Caesb está sempre consertando mas os próprios moradores destróem logo em seguida", protestou temendo que o chafariz seja "isolado" pelo órgão, como já ocorreu em outras quadras. Segundo Valfredo Perfeito, 20% dos 130 chafarizes já não funcionam mais porque a Caesb cortou o fornecimento ou a comunidade destruiu.